

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUES-INGLÊS**

JURACEMA CARZINO BEIRA

**A IMAGEM DA MULHER NO ROMANCE *UM AMOR ANARQUISTA*
DE MIGUEL SANCHES NETO
UM RELATO SOB MÚLTIPLAS ÓTICAS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**CURITIBA
2015**

JURACEMA CARZINO BEIRA

**A IMAGEM DA MULHER NO ROMANCE UM AMOR ANARQUISTA
DE MIGUEL SANCHES NETO
UM RELATO SOB MÚLTIPLAS ÓTICAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina de TCC 2 do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação e do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Professor da disciplina: Ana Paula Pinheiro da Silveira
Professor Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima

CURITIBA

2015



Ministério da Educação

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
Campus Curitiba
Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão
Departamento Acadêmico de Letras Estrangeiras Modernas
Curso de Graduação em Letras Português/Inglês



TERMO DE APROVAÇÃO

A IMAGEM DA MULHER NO ROMANCE *UM AMOR ANARQUISTA*
DE MIGUEL SANCHES NETO, UM RELATO SOB MÚLTIPLAS ÓTICAS

Por

JURACEMA CARZINO BEIRA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em vinte e quatro de novembro de dois mil e quinze como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado no curso de Letras Português/Inglês. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Marcelo Fernando Lima
Professor orientador

Rogério Caetano de Almeida
Membro titular

Naurini de Souza
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

IMAGINE

by John Lennon

Imagine there's no heaven
It's easy if you try
No hell below us
Above us only sky

Imagine all the people
Living for today

Imagine there's no countries
It isn't hard to do
Nothing to kill or die for
And no religion too

Imagine all the people
Living life in peace

You may say, I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope someday you'll join us
And the world will be as one

Imagine no possessions
I wonder if you can
No need for greed or hunger
A Brotherhood of man

Imagine all the people
Sharing all the world

You may say, I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope someday you'll join us
And the world will live as one

RESUMO

BEIRA, Juracema Carzino. *A imagem da mulher no romance "Um amor anarquista" de Miguel Sanches Neto*. 2015. 40 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Letras Português-Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba. 2015.

O presente trabalho envolve a área de Literatura e tem por objetivo verificar como é retratada a mulher no romance *Um amor anarquista*, de Miguel Sanches Neto, publicado em 2005. Partindo de pesquisas bibliográficas, o trabalho aborda o contexto histórico da imigração europeia no Brasil, a criação da colônia anarquista em Palmeira e levanta alguns conceitos básicos de anarquismo e feminismo. A pesquisa explorou o contexto social do romance, além dos diferentes papéis representados pelas personagens.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Romance. Feminismo. Representação da Mulher. Anarquismo.

ABSTRACT

This work involves the field of literature and has as its main objective finding out how woman is represented in the novel "Um amor anarquista", by Miguel Sanches Neto, published in 2005. Based on biographic research, this work discusses the historical context of European immigration in Brazil, the creation of an anarchist community in Palmeira, as well as basic concepts of anarchism and feminism. This research aims at discussing women's representation in the novel.

Keywords: Brazilian literature. Novel. Feminism. Woman Representation. Anarchism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1	11
2.1 IMIGRAÇÃO NO BRASIL NO SÉCULO XIX	11
2.2 IMIGRAÇÃO NO PARANÁ	12
2.3 A CHEGADA DOS ANARQUISTAS	13
CAPÍTULO 2	15
3.1 A COLÔNIA CECÍLIA	15
3.2 ANARQUISMO	18
3.3 UTOPIA	19
3.4 FEMINISMO	20
CAPÍTULO 3	23
4.1 ROMANCE <i>UM AMOR ANARQUISTA</i> , DE MIGUEL SANCHES NETO	23
4.2 CONTEXTO DO ROMANCE	25
CAPÍTULO 4	26
5.1 A IMAGEM DA MULHER NO ROMANCE <i>UM AMOR ANARQUISTA</i>	26
5.2 CATTINA	26
5.3 MARIA MALACARNE	31
5.4 NARCISA	33
5.5 ESCOLINA	36
5.6 ADELE	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS:	44

1 INTRODUÇÃO

Por ser relevante para a análise dos perfis femininos no romance *Um Amor Anarquista*, de Miguel Sanches Neto, primeiramente este estudo aborda o grande fluxo de imigrantes em direção ao Brasil ocorrido na segunda metade do século XIX. Estes imigrantes eram principalmente europeus, que, devido a sucessivas crises ocorridas em suas regiões de origem, que correspondem hoje a países como Itália, Alemanha, Polônia e Ucrânia, optaram pela América do Sul como nova oportunidade de vida. Nesse período, o Brasil também passava por transformações, o regime monárquico começava a enfraquecer, enquanto os ideais abolicionistas ganhavam força.

Pouco tempo depois da assinatura da Lei Áurea, libertando os escravos, o regime monárquico foi substituído pela gestão republicana. Esses acontecimentos, em virtude de sua magnitude, provocaram mudanças nos perfis políticos, econômicos e das relações trabalhistas. Com isso, houve um incremento na demanda de mão de obra estrangeira em substituição ao trabalho escravo e mesmo o progresso do país exigia profissionais qualificados em variadas áreas. Além do seu trabalho, os imigrantes trouxeram na bagagem seus sonhos, ideais, culturas, tradições e crenças inspirando diversos segmentos; entre eles, as artes e suas manifestações, sendo a principal delas a literatura.

A experiência da imigração, analisada com certo distanciamento, vem sendo tema de diversos romances da literatura brasileira, do final do século XIX até a contemporaneidade. Pensando na importância da representação dos papéis sociais do imigrante na literatura brasileira, com ênfase nas mulheres, escolhemos como foco desta pesquisa o livro *Um amor anarquista*, de Miguel Sanches Neto, escritor e professor paranaense.

O contexto do livro é o da criação de uma colônia anarquista, que de fato existiu em Palmeira, no interior do Paraná, no final do século XIX. Na trama do romance, o autor transforma em ficção o sonho utópico de Giovanni Rossi, uma experimentação nos moldes anárquicos e socialistas que envolvia imigrantes italianos. Entre eles havia alguns jovens idealistas, além de famílias inteiras em busca de melhores oportunidades, mas nem sempre adeptas das mesmas ideologias. No romance, as personagens femininas se destacam por serem as

protagonistas da história, assumindo papéis de incontestável relevância. O autor narra essa experiência e, mesmo abordando outros aspectos, um dos principais motes que move a trama é a questão do amor livre. Nessa proposta, o casamento convencional sofreria alterações, a mulher poderia relacionar-se com outros parceiros e os filhos gerados seriam da Colônia.

Como esse aspecto, o do amor livre, é o que mais se destaca na trama e envolve as personagens femininas de modo contundente, reivindicando direitos e liberdade, justifica-se a escolha deste tema, pois pode contribuir com os movimentos emancipatórios da mulher na atualidade. Além do que, investigar o papel da mulher em organizações sociais é relevante, já que ela sempre ficou à margem de muitos processos de construção social. No Brasil, por exemplo, o surgimento da República não garantiu o direito da participação feminina nas eleições, ou seja, ela não foi inserida na discussão da formação política do país. Somente em 1934, com a apresentação de uma nova Constituição, no governo de Getúlio Vargas, é que a mulher passou a ter o direito ao voto. Os homens a julgavam, assim como aos velhos e as crianças, inaptas para tal função.

O presente trabalho tem também como finalidade demonstrar que a literatura contemporânea oferece um leque de oportunidade para análise em seus escritos, com temáticas e personagens que podem acrescentar valores e mesmo nortear escolhas para a vida na sociedade atual, inspirando-se em fatos romanceados. Este estudo propicia ainda a ampliação de aspectos analisados na literatura de Sanches Neto, contribuindo assim com pesquisas futuras, principalmente relativas aos papéis femininos.

A metodologia utilizada para a realização deste estudo foi a pesquisa bibliográfica, concentrando-se em artigos, revistas, sites e livros em que foram explorados os conceitos relacionados ao tema e objetivos propostos. Como técnica realizou-se a análise dedutiva em forma de relato, embasada em referencial teórico que trata dos perfis psicológicos e comportamentais das mulheres. Norteadas principalmente por conceitos feministas, teve como uma das referências a escritora francesa Simone de Beauvoir, além de Mary Wollstonecraft, Michelle Perrot e Emma Goldman. No campo historiográfico consultou-se os escritos de Boris Fausto, Isabel Muller e Beatriz Pellizetti Lolla. Para definições de termos concernentes à pesquisa contou-se com Norberto Bobbio, além da teoria do amor livre defendida por Giovanni Rossi, recorreu-se à visão de Whitmont e Frye nos campos religioso/ profano e

mitológico quando se fez necessário um aprofundamento na análise das personagens.

Aplicaram-se então estes conceitos e teorias às personagens femininas do romance, principalmente no que diz respeito aos papéis sociais representados por elas e que refletiam a sociedade da época. Para melhor compreensão do trabalho, optou-se por dividi-lo em quatro capítulos. O primeiro faz um resgate histórico da vinda dos imigrantes para o Brasil e para o Paraná e também da chegada dos anarquistas ao Estado. O segundo capítulo trata da criação da Colônia Cecília, expõe brevemente os conceitos de anarquismo, feminismo e utopia, buscando pontos de intersecção e relacionando-os ao tema da pesquisa. O terceiro traz o contexto da criação do romance inspirado na história, bem como algumas considerações do autor Sanches Neto e da obra. O quarto capítulo é dividido em seções com a análise das principais personagens femininas do romance, seguido da conclusão.

CAPÍTULO 1

2.1 IMIGRAÇÃO NO BRASIL NO SÉCULO XIX

As imigrações europeias mais significativas no Brasil se iniciaram com o imperador D. Pedro II antes mesmo da abolição dos escravos, a partir da segunda metade do século XIX. O imperador tinha como objetivos: branquear a população, aumentar a densidade demográfica, além de explorar o potencial agrícola de outras regiões do país. Posteriormente, com a abolição da escravidão, a sociedade produtora precisava promover a substituição da força de trabalho. O governo brasileiro enviava seus representantes e mesmo empresários/atravessadores atuavam em companhias internacionais de colonização, sediadas em diversas cidades do continente europeu, convencendo pessoas a virem para o Brasil. Acenava com incentivos como transporte, hospedagem e facilidade na aquisição de terras para que a imigração fosse realizada.

Com isso estabeleceu-se um fluxo regular de chegada de estrangeiros aos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, tradicionais zonas cafeeiras. O estado do Paraná não ficou de fora desse tempo de transformação. Como oferecia boas terras e clima semelhante ao que os imigrantes estavam acostumados, atraiu uma significativa leva desse contingente. Segundo Fausto (1995) ocorreu “a introdução em massa de trabalhadores europeus no centro-sul do Brasil” (FAUSTO, 1995, p.241). Ao desembarcar em terras brasileiras, eles eram encaminhados, principalmente, para as plantações de café e trabalhos em propriedades com atividades agrícolas controladas por latifundiários, geralmente nos estados da região sudeste. Muitas vezes, as condições que encontravam não eram condizentes com a propaganda alardeada, eram obrigados a dormir nas senzalas e viver em condições análogas à escravidão. Os então patrões não estavam acostumados a pagar salários e lidar com homens livres, o que gerou inúmeros conflitos e deserções. Muitos dos que vieram cheios de planos e sonhos de riqueza, não se adaptaram às duras condições de vida e ao trabalho nas fazendas e voltaram para seus países; outros, no entanto, se dirigiram para colônias nos estados do sul.

Nos três estados sulistas não havia grandes fazendas, a intenção dos governantes era promover a ocupação das terras, divididas em pequenas propriedades que, em princípio, eram doadas aos imigrantes. Contudo com a mudança do regime, passaram a ser comercializadas, mas com o pagamento facilitado em longo prazo. O governo provincial oferecia subsídios no começo das colônias, dinheiro para a compra de sementes e ferramentas, e emprego na abertura e conservação das estradas rurais, de modo a fomentar a agricultura e facilitar o escoamento da produção. Também era uma maneira de fixá-los na terra, oferecendo um pequeno capital inicial para a subsistência até que começassem as colheitas.

2.2 IMIGRAÇÃO NO PARANÁ

A formação de colônias no Paraná iniciou-se com a publicação da Lei Provincial nº 29, de 21 de março de 1855; desde então o governo provincial passou a promover a imigração usando as mesmas táticas do Império. Chegaram vários grupos de imigrantes alemães, belgas, franceses, italianos, poloneses, russos e suíços, os quais formaram suas colônias, contribuindo dessa forma para o progresso e a diversidade de costumes presentes ainda hoje no Paraná. Muitos traziam suas ideias políticas, suas crenças religiosas e seus costumes. Esta mistura de culturas transformou o Paraná num Estado eclético e suscetível às mudanças ocorridas ao final do século XIX, na Europa e Inglaterra, principalmente nos padrões sociais e trabalhistas.

A capital do estado e seus arredores receberam um número significativo de agricultores dedicados ao cultivo de hortaliças, culturas agrícolas que permanecem ativas em algumas regiões do entorno de Curitiba. Os setores alimentícios, industriais e culturais do Paraná foram fortemente influenciados por imigrantes de diferentes regiões. No final do século XIX, o governo mantinha a Casa dos Imigrantes, lugar para onde muitos se dirigiam quando chegavam à capital e ficavam alguns dias até arranjar moradia. Mantinha também um escritório de inspetoria de terras, que auxiliava os imigrantes em sua busca por financiamento e escolha do lugar que julgassem adequado para plantar e viver. Isso denunciava o interesse do governo local em arregimentar colonos e inseri-los principalmente nas atividades agrícolas; deste modo, promovendo o povoamento, a exploração da terra e o

consequente progresso do Estado. Muitas cidades paranaenses receberam os imigrantes, pode-se citar como as mais procuradas, Ponta Grossa, Castro, Porto Amazonas, Prudentópolis, Guarapuava, Palmeira entre outras.

O governo provincial oferecia subsídios no começo das colônias, dinheiro para a compra de sementes e ferramentas, e emprego na abertura e conservação das estradas rurais, de modo a fomentar a agricultura e facilitar o escoamento da produção. Também era uma maneira de fixá-los na terra, oferecendo um pequeno capital inicial para a subsistência até que começassem as colheitas.

No que diz respeito aos padrões morais, o comportamento das mulheres paranaenses se igualava ao da maioria, uma vez que quase todas estavam sujeitas ao sistema do patriarcalismo. Os costumes quase medievais, observados pouco tempo antes, a partir da imigração, começaram a sofrer mudanças. Algumas mulheres se inseriram nos meios sociais, artísticos e trabalhistas causando admiração e escandalizando os conservadores. As ideias que acompanhavam as mulheres imigrantes influenciaram essas mudanças, pois elas vinham de países com destaques femininos e de ideias diferenciadas quanto aos papéis que poderiam ser desempenhados pelo sexo feminino na política, na sociedade e na família. Algumas delas conheciam as ideias revolucionárias dos anarquistas, que haviam sido espalhadas por idealistas em vários lugares e embora não concordassem com todos os princípios, de alguns poderiam tirar proveito. A chegada de um pequeno grupo de anarquistas ao Paraná, seguido de outros, que espalharam-se por diversas cidades, contribuiu, ainda que indiretamente, para a sutil mudança dos padrões vigentes.

2.3 A CHEGADA DOS ANARQUISTAS

Imbuídos de ideias revolucionárias no que tange a relações trabalhistas, sistema de divisão de riquezas, política de governo e relações sociais, chegou ao Paraná em 1890, um grupo de italianos. Vinham fugindo da fome e da miséria, além da busca por melhores condições de vida. Liderados pelo médico veterinário e agrônomo Giovanni Rossi, estavam dispostos a instalar uma colônia agrícola comunitária, onde Rossi pretendia testar a experiência social, apregoada pelas ideias anarquistas. Suas ideias de leis, trabalho, casamento e sexo contrariavam o sistema moral vigente no Brasil à época, quando inclusive às mulheres eram

vedados o estudo formal, a participação política e nas decisões consideradas importantes mesmo dentro da família. Dentro do conceito de anarquismo defendido por Rossi, podemos perceber traços de feminismo e de utopia, pois na maioria das sociedades estas proposições são rechaçadas. A seguir, procura-se definir estes conceitos e proceder a uma análise de seus pontos de intersecção, contudo sem aprofundar-se, pois o objetivo deste trabalho é focar nas personagens femininas em destaque no romance, embora a análise seja permeada por pensamentos e deduções advindos destes conceitos, poderá apropriar-se de conceitos de outras áreas.

CAPÍTULO 2

3.1 A COLÔNIA CECÍLIA

A história da Colônia Cecília é conhecida e divulgada nos meios literários e na história oficial, devido à experiência anarco-socialista ali realizada. Baseada em princípios anarquistas com valores contrários à mentalidade burguesa, ao capitalismo e ao sistema patriarcal vigente na época em quase toda a sociedade, principalmente em questões trabalhistas e as relacionadas aos papéis femininos.

No livro intitulado *Colônia Cecília e outras utopias*, pode-se ler esta história, traduzida por Miguel Sanches Neto e Marzia Terenzi Vicentini. Os autores apresentam uma coletânea com as anotações deixadas por Rossi que remonta ao tempo em que ele e alguns companheiros chegaram ao Brasil, suas histórias, teorias, utopias e realizações. As informações deste capítulo foram extraídas desse livro.

Em 1890 chegou ao Brasil entre tantos outros, um grupo de imigrantes oriundos da Itália composto por cinco homens e uma mulher. Vinham com a intenção de seguir até o Uruguai, onde planejavam iniciar uma colônia experimental nos moldes das comunas, experiências de sociedades comunitárias do século XIX baseadas na divisão igualitária de bens. “Essa denominação deriva de um episódio ocorrido na França em 1871, a Comuna de Paris, em que um grupo, influenciado por ideias socialistas tentou implantar um governo revolucionário” (MARZANI e NASCIMENTO, 2013, p. 16).

Giovanni Rossi era veterinário e agrônomo, além de um misto de filósofo, sociólogo e político. Ele já há algum tempo pesquisava e escrevia sobre o anarquismo na Itália, tendo participado da implantação de um modelo similar em Citadela, experimento que lhe dava certa bagagem.

A política brasileira de acolhimento aos imigrantes fez com que o grupo liderado por Giovanni Rossi (1859-1943) optasse por permanecer em território brasileiro dirigindo-se ao Rio Grande do Sul. Durante a viagem de navio, dois dos companheiros passaram mal, e por esse motivo, desembarcaram em Paranaguá, no

Paraná. Eles resolveram ir até Curitiba onde o clima era mais ameno, mais propício para o restabelecimento dos adoentados.

Na Ferrovia que conduzia à capital, Rossi e os demais ficaram encantados com a exuberância e diversidade da mata e suas cores tão vívidas, que denunciavam a fertilidade do solo, e principalmente com as araucárias, que dominavam a paisagem no planalto que conduz à capital. Entre outros fatores, essas observações contribuíram para que resolvessem estabelecer-se no estado paranaense. Em Curitiba encaminharam-se à Casa dos Imigrantes e no dia seguinte o grupo entrou em contato com a companhia de inspetoria de terras e negociou cerca de 300 alqueires, em local a ser escolhido próximo ao município de Palmeira que já tinha várias colônias em seus arredores, formadas por franceses, russos, alemães e poloneses.

Os primeiros colonos chegaram à Colônia Cecília em abril de 1890 e ajeitaram um barracão, também chamado de a casa do amor e da fraternidade, que havia no local que instalava provisoriamente as famílias que mais tarde ocupariam as casas que iam sendo construídas.

O primeiro obstáculo enfrentado pelo núcleo anarquista foi o modo de organizar o trabalho; mesmo havendo necessidade de colaboração na construção da base da colônia, isso ficava a critério de cada um, pois nem mesmo trabalhar era obrigatório. Entretanto, o sonho anárquico contagiara muitos deles que se esforçavam para torná-lo realidade. Os lavradores teriam dificuldades uma vez que aqui eles encontraram a floresta, a mata virgem nunca trabalhada; precisariam antes de tudo derrubá-la para então lavrar a terra, tarefa árdua e demorada.

Ao concluírem a construção das habitações coletivas e individuais e dividirem o trabalho, eles se depararam com a realidade imutável: o milho, cultivo considerado ideal para a região, não nasce da noite para o dia. Conseguiram subsistir durante algum tempo graças ao dinheiro que trouxeram, colocado no caixa social, que ficaria à disposição de todos.

Giovanni Rossi foi recomendado ao Dr Grillo, um médico italiano que já estava no Brasil havia muitos anos, com quem travou amizade imediata. Com o seu aval, conseguiu crédito para comprar mantimentos, instrumentos e sementes para a lavoura. Enquanto alguns se ocupavam do plantio e extração da mata, outros anarquistas se viram obrigados a trabalhar na abertura e conservação das estradas rurais. Essas eram obras do governo, representado na região pelo doutor Grillo, que

os pagava pelo serviço. Desta forma, um dos princípios anarquistas, sem governo, sem patrão, precisou ser posto de lado em nome da sobrevivência.

No ano de 1892, a Colônia recebeu novo fôlego com a chegada de mais alguns imigrantes, estes mais acostumados a lidar com a terra, além de alguns sapateiros e artesãos. Nesse período teve início a vitivinicultura e a fabricação de barricas. Já abrigava 64 pessoas. Elas haviam perfurado dois poços e aberto uma estrada de acesso, entretanto ao final desse mesmo ano, 7 famílias decidiram voltar para a Itália, outras pessoas também deixaram a Colônia, e sua população ficou reduzida a apenas 20 pessoas. Muitos dos que saíram optaram por morar em Curitiba e outras cidades. Alguns eram médicos, engenheiros, professores e operários, que ao se depararem com a realidade da Colônia Cecília, pobre e sem as condições alardeadas pelo seu idealizador, resolveram buscar em outros lugares melhores condições de vida e de trabalho.

No ano de 1893, a Colônia Cecília sofreu outro golpe. O governo do Estado, com as mudanças que acontecem nas esferas político-administrativas, instituiu novas regras, exigindo deles o pagamento de tributos e taxas, inclusive mudando a legislação de posse da terra. O experimento da Colônia Cecília terminou por vários motivos. O principal foi a pobreza material, a desnutrição, a falta de condições adequadas de saneamento e consequentes doenças e mortes, principalmente de crianças. Outro agravante foram os problemas internos ligados às dificuldades de adaptação ao estilo de convivência anarquista, a divisão do trabalho, em que não havia lideranças nem cobranças. Mesmo quem trabalhava pouco, tinha direito a participar das refeições coletivas e o livre acesso ao caixa social, semeou discórdia e instigou ao roubo. E, particularmente no tocante ao amor livre, que era o centro da experiência, embora teoricamente fosse aprovado por alguns, na prática despertava temores, preconceito e recriminação. Além disso, havia a hostilidade da vizinha comunidade polonesa, fortemente católica, que se incomodava com o ateísmo e o modo de vida dos anarquistas. O próprio clero, pelas mesmas razões dos poloneses, assim como as autoridades locais, que algumas vezes foram provocadas, os deixaram à mercê da própria sorte.

Nos quatro anos de existência da colônia (1890-1894), sua população chegou a atingir cerca de 250 pessoas. Realizaram-se duas relações do tipo poligâmico. O próprio Rossi se propôs como exemplo concreto do novo estilo de vida, compartilhando o amor de uma mulher casada, além do caso envolvendo uma

camponesa que viveu um romance paralelo ao seu casamento. Ao final do livro Rossi delira com o Paraná do futuro prevendo grande progresso, como a instalação de uma grande usina, o que de fato aconteceu.

3.2 ANARQUISMO

De acordo com Bobbio (1998) não é possível dar uma definição totalmente precisa de anarquismo. O ideal designado por este termo sofreu evoluções no tempo, no entanto “sempre se manifestou e manifesta como coisa realizada e elaborada, como aspiração ou como objetivo último e referencial, cheio de significados e de conteúdos, dentro da perspectiva em que é analisado” (BOBBIO 1998, p. 23).

Numa conceituação simplificada, o autor afirma que, por anarquismo se entende o movimento que atribui liberdade tanto individual como coletiva, sem limitação de normas, de espaço e de tempo. Pode-se agir sem ser oprimido por qualquer tipo de autoridade, admitindo unicamente os obstáculos da natureza, da "opinião", do "senso comum" e da vontade que a comunidade gera. Os anarquistas, em sua maioria, eram pessoas de bons princípios, apesar de concepções diferenciadas quanto aos ideais do movimento, tinham em comum a crença de que o Estado é ao mesmo tempo perigoso e desnecessário (MARTINEZ; SANTOS, 2007, p.2). Para tais autores, “o anarquista é aquele que, acima de tudo, luta por criar uma sociedade sem governo, sem autoridade”.

A obediência às leis naturais e a liberdade de escolhas eram dos principais motes do anarquismo na visão de Rossi e seus companheiros.

Os anarquistas buscavam ordem e liberdade para todos, sem exceção, mas nada imposto por outras pessoas e sim um processo natural que viria da disciplina própria de cada um e da cooperação voluntária, pois o essencial era isto: obedecer às leis da natureza do seu modo, ficando livre para viver em paz com seus companheiros (MARTINEZ; SANTOS, 2007, p.02).

A posição fundamental de Rossi no movimento anarquista italiano foi a defesa da criação de pequenas comunidades agrícolas em que se vivenciaria outra sociedade, diferente dos padrões estabelecidos. Este plano foi o que o trouxe para

terras americanas, testar suas ideias num lugar novo, sem muita interferência. Em texto resgatado por Mueller, Rossi destaca esta aspiração: “[...] há dez anos vivo somente para este projeto, e não o abandono. Tenho confiança nas pequenas forças despertadas por um objetivo prático” (MUELLER, 1999, p. 146).

A proposta anarquista pretendia abalar os pilares de instituições trabalhistas e de propriedade, além das de cunho social e particular como as do casamento monogâmico, da liberdade afetiva e sexual extensiva às mulheres e conseqüentemente os da estrutura familiar. A partir da experiência realizada na Colônia Cecília, e das lutas feministas que ainda persistem, deduz-se que na prática, tais ideais podem ser classificados como utopia.

3.3 UTOPIA

A utopia sonhada por Rossi envolvia seres humanos, quase sempre sujeitos a mudanças nas concepções e ideais. Ele esperava que as mulheres fossem independentes para gerir suas vontades e que participassem das lutas por um mundo mais igualitário, antecipando manifestações que pleiteariam direitos, muitos ainda por conquistar. Utopia continua sendo o que resta para os idealistas, os feministas, os anarquistas. A perseguição de ideais difíceis de serem alcançados.

Nas palavras de Mueller (1999) historiadora da Colônia Cecília, a utopia, se pensada como uma fronteira entre o possível e o impossível, é "veículo da expressão do imaginário, um espaço possível do desejo". Por conta de pesquisas para seus trabalhos acadêmicos, Isabel Mueller reuniu material e publicou o livro *Flores aos rebeldes que falharam* em que expõe detalhes da experiência anarquista acontecida nos arredores da cidade de Palmeira.

Na biografia de Rossi consta que, em 1878, sob o pseudônimo de “Cárdias”, publicou o primeiro de seus romances utópicos, “Un Comune Socialista – bozzetto semi veridico”. Escreveu para jornais e suas resenhas versavam sobre os pensamentos utópicos de Fourier, Cabet e Owen, citando as experiências viabilizadas por tais pensamentos. Nos escritos de Rossi havia críticas à propriedade privada e ao casamento, o incentivo ao amor livre e liberdade feminina e a incitação a uma sociedade mais igualitária. Sua intenção era manter viva a função utópica, ele não obedecia a um plano mais elaborado em termos de

organização, sua busca constante era a liberdade. Ele pretendia por meio dessa experiência provar ao mundo a excelência das ideias anarquistas. Entre elas a ideia da liberdade feminina que já vinha sendo reivindicada há muito tempo por mulheres que ousaram não mais permanecer em silêncio, iniciando o movimento hoje conhecido como feminismo.

3.4 FEMINISMO

O feminismo como movimento teve sua origem no ano de 1848, na convenção dos direitos da mulher em Nova Iorque. No entanto, desde o ano de 1730, Mary Astell abria caminho para uma nova mentalidade com o texto *Some reflections upon marriage* [*Algumas Reflexões sobre o Casamento*], em que ironizava a sabedoria masculina e tirava a poesia das relações matrimoniais. Afirmava que se o poder absoluto não servia para comandar o estado político, sendo impróprio para governar seres racionais e livres, não deveria servir também para dirigir a família (ZOLIN, 2009, p. 220).

O movimento adquiriu cunho reivindicatório a partir das grandes revoluções: a Industrial, no que diz respeito ao trabalho, e a Francesa, de cunho político e social, cujo lema era igualdade, liberdade e fraternidade. Uma das ativistas da revolução francesa de 1789, Marie Olympe Gouges, apresentou à Assembleia Nacional corajoso documento em que defendia direitos e deveres iguais para homens e mulheres e conclamava estas a terem mais vigor em suas lutas.

Mary Wollstonecraft por sua vez escreveu um dos grandes clássicos da literatura feminista, *A Vindication of the Rights of Woman*, publicado em 1792, em que retomava as reivindicações feitas anteriormente pelas pioneiras, acrescentando a exigência de uma política educacional que incluísse as mulheres, tornando-as aptas para ganhar seu próprio sustento. Apesar dos apontamentos incisivos de Wollstonecraft para esses problemas, dando ênfase à educação no final do século XVIII, as mudanças só aconteceriam de forma mais acentuada pelo menos 100 anos depois. O século XIX, época das grandes imigrações e da expansão de ideias revolucionárias no sentido de conquistar espaço para as manifestações femininas, é ainda essencialmente masculino, onde predomina o sistema patriarcal e a repressão

religiosa. Entretanto a divulgação das ideias utópicas do anarquismo influenciaram os movimentos feministas, que perceberam um avanço.

As transformações culturais, econômicas e sociais decorrentes do advento da República, da imigração e industrialização, aliadas às ideias vanguardistas vindas da Europa, impulsionaram mudanças no comportamento das mulheres brasileiras. Principalmente nos centros urbanos, como sair às ruas desacompanhadas, entrar para o mercado de trabalho, assumir cargos antes não imaginados e até cursar faculdade, bem como fazer parte de eventos culturais, como criadoras e participantes.

A primeira vertente feminista no Brasil é considerada a mais forte, organizada e abrangente, foi liderada por Berta Lutz (1919), em defesa dos direitos políticos, contudo sem alterar as posições masculinas. Por isso não gerou muitos conflitos.

Maria Lacerda de Moura pode ser considerada um grande expoente nas reivindicações no campo educacional. Professora nas Escolas Modernas e nas Universidades Populares foi também conferencista e autora de *Lições de Pedagogia*, de 1925, livro no qual declarava guerra ao analfabetismo feminino, considerado uma das razões para a sua subserviência: “Eduquem a Mulher, despertem sua consciência, iluminem sua clarividência moral e ela reformará o mundo” Moura (apud MINARDI, 2008, p.7). A crítica era endereçada principalmente aos anarquistas de São Paulo que, em suas manifestações orais e escritas, não mencionavam o nome das companheiras de luta. Para Moura (apud MINARDI 2008, p. 8), “a falta de citação da importante contribuição das mulheres por vários autores, intelectuais e até anarquistas, foi uma falha considerada comum, que revelou a incongruência do discurso libertário em relação à prática”.

Nas décadas seguintes as mulheres usufruíram de algumas conquistas nos campos políticos, trabalhistas e educacionais, contudo no Brasil, foi apenas a partir da década de 1960, impulsionada pelo livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, que se inaugurou uma nova etapa com os movimentos feministas ganhando força e notoriedade. A luta dos movimentos feministas clama por discussões acerca das raízes culturais que ditam a desigualdade entre os sexos, pleiteia direitos trabalhistas, direitos políticos e outros que tornem a sociedade mais justa para as mulheres e homens.

As feministas sofrem preconceitos e sanções assim como sofreram os anarquistas e os sonhadores utópicos, mas afirmam buscar apenas a alteração da concepção de que lugar de mulher é em casa, que sua função primordial seja a maternidade. O compromisso dos movimentos feministas é pôr fim à dominação masculina e à estrutura patriarcal. Com isso, acreditam, garantirão a igualdade de direitos (BONNICI e ZOLIN, 2004, p. 220).

Estas inserções foram necessárias porque serão usados na análise dos perfis femininos e suas representações, conceitos retirados destes documentos e livros.

CAPÍTULO 3

4.1 ROMANCE *UM AMOR ANARQUISTA*, DE MIGUEL SANCHES NETO

Um Amor Anarquista foi publicado pela Editora Record em 2005, com 250 páginas, escrito por Miguel Sanches Neto, paranaense, professor universitário, crítico literário do jornal *Gazeta do Povo* e da revista *Carta Capital*, doutor em crítica Literária pela Unicamp, e como autor, vem tendo destaque no cenário literário nacional, além de recentemente seu nome e obra começarem a ser divulgados internacionalmente.

Ao traduzir os escritos de Giovanni Rossi quando trabalhou no governo do Estado do Paraná, Sanches Neto decidiu investir na publicação do romance baseado no episódio histórico, para que tal experiência e suas implicações não caíssem no esquecimento. Muitas vezes os artistas são movidos pelo desejo de preservar a memória; entre eles, os escritores que contam histórias interessantes, reinterpretando-as. Sanches Neto optou por expô-las por meio do gênero romance, que desperta mais interesse no público leitor, além de ter grande alcance e mais publicidade do que os documentos históricos. Este é considerado um grande tema, e embora não sirva como modelo, pode ser visto como uma lição, pois são os idealistas que mudam a realidade, mesmo quando falham, pois manter um ideal é uma forma de ainda crer no ser humano.

Com estas premissas em mente, o autor construiu suas personagens perseguindo os fatos históricos, inventando outros. Sanches Neto mantém alguns nomes e personagens reais e inventa outros, principalmente femininos, que enriquecem a trama, pois a mulher é elemento singular na construção da sociedade proposta na Colônia Cecília. Sabe-se ser este um recurso que faz parte do processo de adaptação.

O livro de Sanches Neto apresenta discurso com léxico comum narrado em terceira pessoa, com algumas passagens em primeira pessoa, e em muitos momentos faz uso de discurso indireto livre, de modo a permitir o contraponto da visão dos personagens, que assim podem se manifestar. O autor estrutura o romance mesclando narrativa, diálogos e cartas, tornando-o mais expressivo e dinâmico. A maneira pela qual as personagens são apresentadas faz com que

ganhem expressividade, deixando de ser apenas peças do experimento anarquista para se tornarem seres com sentimentos, paixões, sonhos, frustrações e atitudes inerentes à condição humana.

Sanches Neto alega não ser anarquista embora partilhe de muitas de suas posturas libertárias, não tinha um motivo ideológico para escrever um romance sobre a Colônia Cecília. Afirma não ser propriamente um romancista histórico, dos que fazem uso de acontecimentos emblemáticos de outras épocas para construir relatos que cativem e transportem o leitor ao passado, “em uma experiência de alteridade temporal” (SANCHES NETO, 2012, p. 1). Também comenta que queria contar esta história, sem, contudo, assumir uma posição política, apenas destacando as contradições da proposta de uma nova ordem social. “Tinha o enredo, sabia como começar, conduzir e finalizar a história” (SANCHES NETO, 2012, p. 1).

O autor assume que colocou nestes personagens históricos o mundo que trazia dentro de si, deu-lhes sua linguagem, seu sangue, transferiu para suas falas, palavras que amadureceram no seu trabalho literário, criou um deslocamento que fez com que o acontecimento distante, base para o romance, se tornasse próximo, porque é histórico, documentado e pode despertar interesses, inclusive, pela escolha da linguagem contemporânea, o que o torna de fácil entendimento. O texto foi construído “livre da fidelidade à História, da qual ele dá conta de forma indireta, mas, nem por isso, menos verdadeira” (SANCHES NETO, 2012, p. 1).

A história se passa num tempo em que anarquismo era entendido como um conjunto de ideias que objetivavam promover um mundo melhor. O autor não volta à Colônia Cecília para resgatar valores anarquistas (como sugere o título) não se detendo nessas questões e seus princípios, embora as mencione. Deste modo, estando sujeito a críticas como a da historiadora da Colônia Cecília, Isabelle Felici, que categoriza que as obras ficcionais desvirtuam os fatos, tornando-os menos relevantes do que foram: “É muito provável que, se a lenda não se tivesse apoderado da história da Cecília, transmitindo uma versão desviada da verdade, a experiência comunitária não teria impressionado tanto as imaginações” (FELICI, 1998, p. 10).

4.2 CONTEXTO DO ROMANCE

O romance se passa no final do século XIX, período conturbado, marcado por revoltas e reivindicações, tanto por trabalhadores quanto por mulheres, principalmente nos países europeus, porque, no Brasil, o modelo em vigor era o patriarcalismo, que regia todas as relações quer de trabalho ou no âmbito doméstico. Quanto à maioria das mulheres, o seu papel era o de meras procriadoras, sem direito à educação, à liberdade de escolhas, ao voto e mesmo participação nas decisões familiares.

Sanches Neto, por meio de seus personagens, apresenta uma proposta diferente e apesar de ter optado por um narrador-personagem masculino em primeira pessoa, ele garante vez às personagens femininas, expondo seus perfis, seus anseios e frustrações.

Nesse aspecto, o de valorização da participação feminina, o autor, por meio do narrador compactua com a tese de Giovanni Rossi que aspirava por uma participação mais igualitária da mulher. No romance percebeu-se que o anarquismo e o feminismo tinham pontos convergentes.

A construção de Sanches Neto é relevante, pois, no romance, o autor critica alguns dos valores e dos ideais que dominavam a sociedade daquela época, no que diz respeito aos valores morais, religiosos e comportamentais, buscando representá-los nos personagens. Desta forma o autor usa a literatura para questionar a família quanto à efetivação do amor livre, numa sociedade dominada pelo modelo patriarcal, de mulheres sem direitos sem vez ou voz. Ele contribui desta forma para repensar-se a evolução feminina desde então. Pensando estas questões, para este trabalho, escolheu-se analisar as representações dos papéis sociais nos perfis dos personagens femininos em *Um amor anarquista*.

CAPÍTULO 4

5.1 A IMAGEM DA MULHER NO ROMANCE *UM AMOR ANARQUISTA*

A ausência de mulheres liberais na Colônia Cecília é um fator de divisão mesmo dentro do contexto anarquista, conforme a fala do narrador: “as mulheres que chegavam traziam laços familiares muito fortes que inviabilizavam a prática do amor livre na colônia.” Para ele é egoísmo e hipocrisia não se entregar por desejo, “pois todos desejam novos parceiros” (SANCHES NETO, 2008, p. 132-34).

No livro, o autor dá ênfase a algumas mulheres, essas personagens são representantes de diferentes segmentos e papéis sociais inseridos no contexto da sociedade da época e que ainda tem representações na atualidade.

5.2 CATTINA

A primeira mulher a fazer parte da Colônia Cecília tem um correspondente na história real da colônia Cecília. Ela representa a maternidade, desempenha a função de provedora e protetora, um traço forte presente na família tradicional. Com seus valores morais arraigados, herança de modelos mais aceitos na sociedade, ela acredita no amor exclusivo, e que o papel da mulher seja o de gerar filhos, providenciar alimento, amor e compreensão. Esta personagem preza, sobretudo, pela união da família nuclear. Ela representa, segundo a crítica feminista, a categoria de mulher-objeto, aquela que se deixa dominar. Entretanto percebe-se que ela se debate entre ser a mulher-objeto e a mulher-sujeito, vai mudando na sequência da narrativa.

Seu nome era Catharina Dondelli, nome que remete à Catharina “a grande”, imperatriz russa, detentora de muito poder e influência. Mas, chamavam-na de Cattina, diminutivo que denota carinho, intimidade, ao mesmo tempo, pode ser interpretado como se a mulher fosse um ser menor do que o homem. É descrita como uma mulher dócil, que enfrentara a longa viagem de navio logo após as núpcias, sem reclamar, animada com o novo país. Era saudável e continuava disposta mesmo no oitavo mês de gravidez.

Seu marido percebeu que Lorenzo, um dos companheiros que viera com eles da Itália, olhava para ela com desejo e o agrediu, Cattina mostrou-se ponderada ao impedir a briga e acalmar o marido. Percebe-se também o papel de apaziguadora, que geralmente cabia às mulheres, abominadoras da violência por natureza, pelo menos no modelo patriarcal vigente.

O narrador discursa para os outros homens do grupo afirmando que mesmo na gravidez a mulher continua sendo tão feminina quanto antes, diz que o que é amado não é o corpo avantajado, mas a voz, o caráter, as opiniões, tudo isso materializado num corpo, que é onde podemos tocar o amor (SANCHES NETO, 2005, p.39). Desta forma ele exalta a feminilidade da mulher, reforça o seu papel de procriadora, mas, ao mesmo tempo a coloca num plano de vulnerabilidade, ela sempre estará sujeita ao desejo alheio. Para o narrador, a sua gravidez era exuberante, tinha uma aura erótica, os seios sexuados, lábios inchados, bochechas coradas, tudo nela ganhara volume, atraindo olhares, exigindo atenção. Tem-se a impressão de que ela própria contribui para que este quadro se mantenha, Cattina sente-se desejável, ela é a única mulher entre os homens na Colônia. Mas também se pode inferir que ela se sente segura, como se aquela fosse uma sociedade matriarcal, colocando-se em evidência. Neste momento ela reina, a gravidez lhe dá este direito, ela é a única ali a carregar o futuro dentro de si, um filho, como um presente para a continuidade do mundo, ela é ali a única capaz dessa façanha, por isso importante, por isso soberana. Deste modo destaca-se o seu papel social: o de mãe.

Contudo percebe-se que o autor vai mudando a maneira de retratar Cattina, seu perfil dócil vai sofrendo uma transformação. Ela também quer ter o direito de ir e vir, por isso quando seu irmão Evangelista diz que por precaução ela não frequentará mais as reuniões, ela aparece com a feição tranquila, dizendo que sabia se defender. O narrador sugere que ela talvez tenha gostado de receber elogios e até incentivado o sedutor. Neste trecho, percebe-se que a julgam como incapaz de decidir sobre uma questão que lhe diz respeito, pois é um ser inferior, precisa ser isolado, pois pode ser vítima de más intenções sucumbir a elas, juízo pejorativo que se faz das mulheres.

No trecho subsequente do livro, ela vota a favor de pedirem desculpas a Lorenzo pelo modo como o trataram e pela agressão que este sofreu ao ser flagrado -- no julgamento do marido -- assediando-a. Cattina assume inclusive o voto do

marido, que não teve chance de pronunciar-se. Ela mostrou que tinha voz e autoridade, o que não condiz com os costumes da época, quando às mulheres era vedado o direito de voto, não apenas na política, mas também nas decisões familiares, mesmo que isso as envolvesse diretamente. Quem decidia o seu lugar, o seu falar, o seu ambiente, as suas relações era o seu tutor, marido ou pai. Dessa forma tem-se aqui a representação das reivindicações de Wollstonecraft (1792), que lutava pelo direito de votar e ser votada, provocando uma grande mudança no mundo feminino, provendo coragem para outras lutas. Cattina diz que não se sentiu ofendida, apenas sentia pena deles, sem comida e sem carinho, o que reforça o seu conformismo, o de achar que a mulher deve sempre servir ao homem. Tais afirmações permitem determinar a dubiedade desta personagem.

O narrador demonstra que tem inclinações inovadoras no que diz respeito à participação feminina em cargos de confiança quando dá a ela a responsabilidade pela guarda do dinheiro, que colocado numa lata, chamavam de caixa social, além da cozinha e do armazenamento dos alimentos, se bem que trabalhos considerados leves, condizentes com a fragilidade da mulher e sua condição de grávida.

Neste contexto podemos inserir as palavras de Simone de Beauvoir sobre a igualdade entre os sexos;

A igualdade só se poderá restabelecer quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública. A mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social da produção, e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante. Beauvoir *apud* Mello (2012, p. 22).

A falta de algum dinheiro na caixa e como o marido e o irmão de Cattina não perderam tanto peso como os outros homens, chama a atenção para a falta de princípios anarquistas e certo egoísmo por parte desta personagem. Contudo, o narrador diz que não iria repreendê-la “pela distribuição adicional de alimentos à família, era uma mulher assustada pela maternidade naquela terra estranha e pelas condições precárias.” (SANCHES NETO, 2008, p.46). O seu papel social de mulher e mãe lhe garantem certa impunidade.

Após o episódio do assédio, Cattina diz que é uma mulher impedida, mas que há mulheres livres na cidade. Neste trecho percebe-se que mais uma vez o conceito denunciado por Beauvoir (1980) de que existem dois tipos de mulheres, a

respeitável, casada e mãe e a prostituta, evidenciando também o seu antagonismo aos princípios de liberdade apregoados pela anarquia, o de escolhas relacionadas ao corpo e ao sexo.

Apesar de ter sugerido aos homens que procurassem mulheres livres, mulheres que são objetos de prazer que se pode comprar com dinheiro. Cattina sentiu-se insegura e irritada com a chegada de Maria Malacarne e para defender o seu território, a tratou com desprezo e ironia referindo-se a ela como “donzela” e dizendo que ela deveria manter o respeito em memória do filho morto. Mais uma vez a personagem reafirma seus valores e comportamento que acredita serem próprios para uma mulher mãe. Quando cogitaram construir uma casa para Maria, Cattina discordou apontando coisas mais necessárias: Malacarne não tinha filhos, nem marido, não tinha direito a uma casa. Isolada no quarto, mexia no triste e pobre enxoval do bebê, tão pobre quanto seu estado de espírito, enquanto os homens riam baixinho de suas reações.

Ao encontrar seu marido Achille dormindo com Maria Malacarne, ela pergunta se lhe falta alguma coisa em casa, discute com ele perguntando se este se apaixonou por Maria. Cattina diz: “Então foi para isso que viemos para cá, para mudar o nome das coisas? Isso virou liberdade, tem o mesmo valor, é agora uma palavra nobre?” (SANCHES, NETO, 2008, p.64). Tal diálogo reforça o conceito de Beauvoir (1980) em que a personagem separa os diferentes papéis das mulheres.

Entretanto, Cattina perdoa o marido. Para ela, a manutenção da família está em primeiro lugar, exatamente como agem as mulheres da época. Elas, muitas vezes não tinham como manter-se e aos filhos. A pressão religiosa e o medo da reação social obrigavam-nas a calar-se e resignar-se. Na sociedade patriarcal da época, os casos extraconjugais, em sua maioria, eram mantidos em sigilo, ou fingia-se não saber. Às esposas não era permitido reagir, era natural que se sujeitassem a estas e outras humilhações.

Assim consolida-se a não aceitação da pregação de Rossi por parte de Cattina. Para Rossi (1890) os relacionamentos conjugais não deveriam ser condicionados apenas ou exclusivamente pelos instintos reprodutivos, mas por interesses e expectativas pessoais. Ele pregava a necessidade da livre escolha de parceiros sexuais, uma vez que um indivíduo não era capaz de contar com todos os atributos desejados, a imposição da monogamia era antinatural, cerceava a

liberdade e o direito de amar, alijava a satisfação dos desejos e impulsos de homens e mulheres e os impedia de conquistar o bem estar individual (ROSSI, 1980).

Achille temia que Cattina o ofendesse diante dos demais, que o provocavam, dizendo que a sua mulher também tinha direito de dormir com outros homens. Ela disse não querer mais ouvir essa conversa, não era adepta da ideia do amor livre nem dos princípios anárquicos, não aceitaria comportamentos que julgava promíscuos. Isso podia servir para os outros, não para a sua família. Para ela, a conduta e a moral feminina estavam ligadas à fidelidade e à castidade, a mulher devia controlar seus impulsos sexuais e seus desejos, exatamente como era esperado das mulheres da sociedade de então. De qualquer forma, Cattina exigiu que Maria fosse mandada embora ou a sua família deixaria a Colônia. Mais uma vez demonstrou que sua personalidade tornara-se forte, bem como sua determinação na defesa dos valores familiares, demonstrou também que assumira uma posição de comando, pois decidira isso sem consultar o marido.

Pouco tempo depois, os homens conversavam a respeito do nome do bebê, Giovanni Rossi disse que a criança, sendo a primeira a nascer na Colônia Cecília, deveria chamar-se Líbero ou Líbera se fosse menina, nome que significava livre. No entanto quando sentiu as contrações, ela e o marido procuraram o Dr. Grillo, que fez o parto, optaram por registrá-lo com o nome do avô Giuseppe, conservando uma tradição, como um modo de dar continuidade aos valores familiares, mostrando que não se deixaria manipular pelos ideais anarquistas e pelas imposições de Rossi, que reagiu contrariado, maldizendo mais uma vez a família.

Cattina perdeu o seu posto na cozinha com a chegada de novas famílias, agora era Adele Artusi quem preparava a comida e naturalmente favorecia os seus filhos, que eram vários e o marido, que era um dos mais ativos trabalhadores, portanto mais merecedor na sua concepção não anárquica. Cattina queria uma casa só sua, onde pudesse ser a rainha. Com a chegada de outras mulheres na Colônia Cecília, ela perdeu a soberania. Seu sonho acabara, não se encaixara na experiência utópica de Rossi, Cattina foi embora com um sentimento amargo da desilusão sofrida, derrotada, “pensando no peito agora seco, no filho magro, no caminho de volta. A mesma fome e o remorso do erro. Tinha sido um equívoco, ela perdera tudo, até as recordações, transformara tudo em ódio, não havia lugar para Memórias” (SANCHES NETO, 2008, p.109).

5.3 MARIA MALACARNE

Esta personagem foi criada por Sanches Neto para encorpar a trama, pois de tal personagem, na história real, havia apenas boatos. No romance, ela é uma prostituta contratada por Rossi para vir prestar seus serviços aos homens da Colônia Cecília. No conceito de Beauvoir ela faz parte do binômio, ela é a mulher pública, que exerce a liberação do vício e da devassidão latentes no feminino. Tem-se aqui outro segmento da sociedade feminina, aquele que não tem expectativas de mudança, que se conformou com o seu destino.

Maria é uma pessoa sem casa própria, tudo que tem de seu é o corpo e uma trouxinha de roupas. Nunca vê a luz do dia, pois passa as noites atendendo seus clientes, na obscuridade, na penumbra, mas para eles o seu corpo brilha. Parece ser uma figura indispensável para a sociedade hipócrita de então, que preservava as aparências familiares, mas mantinha relações com mulheres de tal estirpe.

O narrador descreve sua iniciação apresentando-a como um anjo, uma virgem, disposta a dar aos homens o que eles buscavam em seu santuário, seu corpo, o prazer e o consolo de que necessitavam. Neste ponto da análise convencionou-se incluir o conceito de virgindade que em outras culturas é classificada diferentemente das concepções cristãs. Segundo Whitmont (1991):

Virgem era a mulher que pertencia a si mesma, não a um homem. O termo nada tinha a ver com abstinência sexual ou castidade. A virgem era a *hieródula* (em grego, serva do Sagrado; desse termo foi cunhada a expressão “prostituta sagrada”). [...] Não se submetia a nenhum homem, mas, como soberana, agraciava o suplicante com a força renovadora da divindade através da sua união sexual com ele. [...]

Entretanto para países fortemente influenciados pela igreja católico-romana entre eles o Brasil;

virgo acabou sendo *virgo intacta*, a mulher casta ou celibatária. *Intacta* significa “não tocada por coisa alguma que prejudique ou ofenda; ilesa”. Para ser adequada a dar continuidade à linhagem familiar patriarcal, uma “boa” mulher tinha que ser “boa parideira” e limitar o “uso” de seu corpo a seu senhor, do qual deveria ser uma propriedade. (WHITMONT, 1991, p. 155).

Maria Malacarne é descrita como uma menina branca com aspecto de doente, tímida, teria uns 20 anos, mas aparentava uns 15, essa aparência frágil

parecia fascinar os homens. O autor escreve que “o seu corpo brilhava na noite, que não conseguia apagar o fulgor da pele cor de leite”. Nesta página o narrador divaga pensando na vaca que não mais se deixava ordenhar, no bebê de Cattina que precisaria de leite e na importância dos nomes. Ele tinha a crença no poder dos nomes. Sanches Neto escolheu o nome Maria, nome que nos remete a história bíblica de Maria mãe de Jesus, também por causa do seu filho morto recentemente.

Segundo reflexões da própria personagem, o seu papel no mundo, não era o de ser mãe, mas, apenas mulher. Seu segundo nome ou apelido é Malacarne, que soa pejorativo, denotando o significado da prostituição, algo proibido.

Maria tem os seios inchados de leite, o narrador os suga, ela é neste momento a mãe, ele tornando-se seu filho, ela supre as carências de abandono, de carinho do personagem/narrador, o qual executa um retorno à infantilidade, misturada às sensações de adulto. Maria exerce aqui outro tipo de maternidade, um tipo de relação que tem como meta o prazer do corpo, alimentar as carências emocionais de quem a procura.

Suas mãos eram finas e pequenas, contrastavam com as de Cattina, mãos e braços de uma mulher de trabalho, castigados pelo sol e pelo calor do fogão. Sentiu que despertou raiva na outra mulher, mas nos homens despertou a amabilidade e o desejo, sabia que eles precisavam de mulher, lábios de mulher, corpo de mulher, sexo de mulher, ela o era e sabia o que fazer. Desde muito cedo, ela sabia que cada pessoa se relacionava com o mundo de maneira diferente, como o seu irmão que gostava de pescar, o pai Francisco, que gostava de cuidar de cachorros e gatos doentes e machucados, e a mãe, que era como um anjo rezando pelos desafortunados, convencida de que a felicidade dos outros dependia dela. Maria, depois da morte da mãe, sentiu-se livre para seguir sua vocação, sabia que era a sua maneira de perceber o mundo, este era como uma carroça cujo varal se prendia a ela (SANCHES NETO, 2005, p.56). Ela era uma mulher pacificada, “apreciava o mistério de existir.” Conheceu homens jovens e velhos, todos encantados com seu corpo que brilhava no escuro e os cabelos longos que ela conservava para secar as lágrimas dos olhos masculinos que só tinham coragem de chorar na intimidade de uma cama. Mais uma vez, fazendo papel de mãe, acolhendo o choro dos filhos, consolando-os ou participando de suas alegrias, e ao mesmo tempo oferecendo-lhes satisfação sexual.

Quando perguntada se gostou da relação com Lorenzo, ela sorriu com sinceridade e disse que sim, sempre gostava. Se a mãe ainda existisse, Maria precisaria fingir ser outro tipo de pessoa e não seria feliz. Podia enfim se entregar a todos e experimentar o gozo que vinha de uma região dela que não sabia explicar, talvez da memória da mãe, à qual Maria considerava um anjo, a qual inclusive lhe deu a vida, apareceu-lhe em sonho, mais uma vez nos remetendo à história bíblica.

Maria saiu da colônia com sua trouxinha com alguma roupa a mais e algumas notas miúdas, presentes dos anarquistas. Sua bagagem aumentara um pouco. O mundo que era a carroça atrelada a ela, carregava agora a lembrança daqueles camponeses. Maria continuava sem nada, sem aprender nada sobre o anarquismo, ela tinha suas próprias crenças, continuaria apenas fazendo o que estava convencida ser o seu desígnio, o que veio ao mundo para fazer, apenas isso, servir de consolo aos homens que, cansados das lutas, com carências físicas e emocionais, a procurariam.

O narrador sente pena dela, mas afirma que a colônia precisava de um tipo de mulher que, além de usar a sensualidade, lutasse pelos princípios anarquistas, pelos direitos femininos, tivesse um esclarecimento político para fazer escolhas conscientes. O amor deveria ser uma arma usada contra o poder e não causador de distúrbios, isso conduziria a uma promiscuidade primitiva. (SANCHES NETO, 2005, p. 62).

5.4 NARCISA

Esta também foi uma personagem criada por Sanches Neto. A escolha deste nome remete ao mito de Narciso, que se apaixona pela própria imagem refletida na superfície de um lago, no qual mergulha e se transforma numa flor. O autor a constrói como uma jovem vinda da cidade de Parma, na Itália. Ela vivia com os tios e usava sua beleza e sensualidade, buscando e sendo procurada por quase todos os homens da Colônia Cecília.

Narcisa é assim descrita pelo narrador:

Narcisa usava um vestido florido e tão velho que dava pena. Narcisa segurando a broa contra a barriga. Fazia menos de uma semana que chegara com os tios, tinha uma maneira estranha, andava sozinha pela Colônia, não gostava de falar, mas servia a todos, casados e solteiros, homens e mulheres, na hora da refeição, tinha prazer em repartir a broa

com suas mãos finas sem usar a faca, arrancando pedaços, deixando a marca de seus dedos no miolo (SANCHES NETO, 2008, p.144).

Ela repartia e distribuía o pão aos homens, às mulheres e às crianças. Aos que não poderiam tê-la ou ser como ela, restava engolir o pão com as marcas de seus dedos finos, assim como deixava a marca de sua presença e de sua beleza na memória de cada um.

No romance a personagem Narcisa desperta ciúmes pela juventude, pelos presentes que ganha, mas principalmente por seu corpo, que o narrador descreve como sendo de cobra, fino e comprido. Ela entrou na cozinha com um vestido novo causando a fúria de Maria Soldi, que só os tinha velhos, assim como seu corpo, calcanhares rachados, sujou de terra, ela toda cheirando a alho e cebola.

O marido de Maria deitou-se com Narcisa e deu a ela um brinco que deveria ser herança de família, o que causou um tumulto e a saída dos Soldi da Colônia Cecília. Maria Soldi viu o brinco em Narcisa e gritou chamando-a de vagabunda, virando uma panela de polenta quente:

Narcisa parada, sem cara de susto, ali, em pé, reinando sobre os homens, mulheres e crianças, sem nenhum respingo, bela e ativa como uma deusa, pensou Rossi, uma deusa num jardim decadente, mármore branco que os anos não comprometem e a umidade não embolora (SANCHES NETO, 2005, p.158).

Narcisa amava os homens da colônia, sem fazer qualquer distinção. Era uma mulher solteira, bonita e sensual, diferente num lugar onde só se encontravam homens brancos e mulheres sem feminilidade (SANCHES NETO, 2005, p. 165). Alguns homens casados conseguiam resistir, mas os solteiros levavam para ela pequenos presentes, como um salame, um corte de tecido. Era uma prostituição disfarçada, ela esperava ganhar bastante dinheiro quando fosse feita a colheita e levar uma vida confortável, por enquanto apenas olhava os produtos mais caros oferecidos pelos mascates (SANCHES NETO, 2005, p.169).

Ela despertava a paixão e o desejo com sua beleza, seu cheiro e modos de bicho/fêmea andando pela floresta e campos num jogo de busca e entrega. De acordo com Frye, “O homem vive, não diretamente ou nu na natureza como os animais, mas dentro de um universo mitológico, um corpo de suposições e crenças desenvolvido a partir de suas preocupações existenciais.” (FRYE, apud Kutelack, Nascimento, 2014, p. 17).

Narcisa, corpo de cobra, também foi comparada a uma égua pelo rapaz que queria casar-se com ela, mas que se descobriu traído;

Era tudo passado, Narcisa nunca existira, fora só uma miragem, a mulher branca no meio da roça queimada, tantas vezes, um fantasma, ele se libertara, ela que ficasse com os machos, égua no pasto de potros aprisionados. (SANCHES NETO, 2005, p. 158).

Neste ponto pode-se mencionar o pensamento de Beauvoir (1980); para quem a mulher é vista como uma matriz, um útero, é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Quando dita por um homem, soa como um insulto, mas ele não sente vergonha da sua animalidade, ao contrário sente-se orgulhoso quando se referem a ele como “macho” (BEAUVOIR, 1980, p. 25).

Mas Narcisa não se importava com os xingamentos ou julgamentos, ela amava a si mesma, Para ela eram todos os olhares, sentia-se o centro do mundo. Os homens amavam a sua beleza e juventude, ela queria proporcionar-lhes o prazer da contemplação de seu corpo, sendo como a terra virgem, pronta para o cultivo, ela não o comercializava, eles a presenteavam, ela não sentia-se culpada nem se prostituindo.

Como se ela fosse realmente a terra onde eles semeariam seus pequenos presentes e colheriam em troca o prazer que saciaria seus corpos e egos. No conceito de Beauvoir (1980) ela é a mulher pública, entregue ao vício, a que exerce a devassidão dos desejos sexuais latentes no feminino.

Por fim, Narcisa se alia a Puig Mayol, homem atraente e de moral duvidosa que passa a organizar os encontros dela, marcando hora e cobrando por isso, ela agora se profissionalizara, sendo explorada por Puig, e se afogará no lago/prostituição. Temos aqui a teoria defendida por Sartre de que “Ela aceitou a opressão que lhe foi imputada, tornando-se cúmplice de sua própria escravização” (SARTRE apud ZOLIN, 2009, p.225).

De acordo com o conceito postulado pelas feministas, pode-se afirmar que Narcisa era a mulher- objeto que se define pela submissão, resignação e pela falta de voz, ela evolui durante a narrativa. A princípio estava no comando, entretanto na sequência se deixa conduzir e explorar. Ela e Puig roubam o dinheiro dos anarquistas e fogem da colônia.

5.5 ESCOLINA

A lavradora da Colônia Cecília que praticou o amor livre, como pregava o personagem narrador Rossi, seguindo seu exemplo com Adele, foi a personagem Escolina. Essa personagem tem um correspondente histórico, mas a sua saga é inventada pelo autor. Ela representa o segmento das pessoas simples, mas que podem efetuar uma mudança radical em sua vida, segundo os preceitos de Rossi, pode sair de seu comodismo ou do seu conformismo e viver um novo amor. A personagem é construída de maneira a mostrar que tais mudanças não acontecem sem sofrimento. Os seus filhos sentiram-se envergonhados, o marido sentiu-se preterido, o receio dos outros integrantes da colônia de que o acontecimento fosse um mau exemplo.

Escolina é retratada como uma mulher sem instrução, uma lavradora de 35 anos, com o corpo gasto por tantas gestações, era mãe de cinco filhos. A condição de mãe não lhe deu imunidade contra a paixão, como era esperado pela sociedade da época.

O marido estranha quando ela o procura depois de um longo período; volta a ser a sua namorada, deixando de lado o papel de mãe que a ocupara nos últimos tempos. Ele, e mesmo ela achavam que o fato de ser mãe a impedia de ser mulher. Era como mãe que ela se entregava a ele, desinteressada, seguia o preceito de que a “mulher virtuosa’ teria que confinar suas atividades e até seus sonhos à dimensão da maternidade, da vida familiar, da criação dos filhos” (WHITMONT, 1991, p. 142).

E agora a chama acesa, no corpo e nos olhos. Ele gostara da mudança, mas isso teria um preço. Ele tornou-se mais atento e percebeu o olhar de Colli dirigido à Escolina, um brilho idêntico ao de Rossi, ao anunciar o novo amor de Adele, a mesma alegria, e isso denunciava a paixão.

Escolina, aproveitando que o marido estava tão compreensivo nas últimas semanas, lhe confessa que está gostando de Colli e se prepara para a reação de ódio ou palavras de incentivo, mas o que vê é uma explosão de lágrimas. Ele diz que já sabia.

O marido permite a relação, e a notícia do novo casal adepto do amor livre, formando uma família fora dos padrões, a princípio é aprovada na Colônia. “Sem dizer nada, Colli e Escolina apenas se olhavam. Fiorenzo aproximou-os com um

abraço, beijou o rosto do novo casal, e todos gritaram viva à Colônia Cecília, ao anarquismo” (SANCHES NETO, 2008, p.211). O narrador é o mais entusiasmado, pois vê na prática o modo de vida que vem alardeando desde o princípio da colônia.

Ignorando os comentários, os personagens seguem com a sua escolha, com o seu trabalho, com seu novo modo de vida. Escolina sente-se renovada, o autor exalta os seus novos sentimentos, ela já não tinha como fingir que gostava do marido com a mesma intensidade, sentia por ele afeto, amor, experimentava agora.

Escolina não tinha mais forças para se afastar de Colli, também sentia o cheiro dele no próprio corpo, mesmo depois do banho, era mais a memória deste cheiro, e nem se lembrava do odor do marido. O marido não deixara memória nela, deixara marcas, o corpo mais gasto das tantas vezes grávida, apenas isso (SANCHES NETO, 2008, p.214).

Tanto os homens quanto as mulheres temiam a sua transformação, ela agora exibia uma alegria, uma calma com os filhos, sorrisos. Toda essa mudança os deixava inseguros e a condenavam principalmente por causa das crianças. Mas ela pensava o quanto era bom ser amante, não mãe, não mulher, mas amante. Pensou também que os filhos matam o amor, o que a deixou triste. Depois pensou que o amor mata os filhos, e sentiu alegria, não uma morte real, mas deixar que vivessem a própria vida. Não deixara de cuidar deles, mas já não se sentia mãe, desligara-se deles. Havia uma nova Escolina, não queria deixar de ser o que era, mas essa outra era maior.

Pensou no enxerto das plantas, em que pega-se um pé de limão da pior qualidade, no qual coloca-se um galho de laranja doce, e o antigo limoeiro continua existindo, mas quem dá flores e frutos é a laranjeira que cresceu a partir daquele tronco. Era assim no pomar. Era assim com ela. [...] Agora sabia que podia dar laranjas doces. [...] As mulheres da Colônia? Árvores de uma qualidade só. (SANCHES NETO, 2005, p. 216)

Esta comparação da personagem com enxerto de plantas denota a mudança ocorrida em seu trajeto. O próprio nome Escolina lembra escola, aprendizado, mudança, o seu exemplo poderia ser seguido por outras esposas e filhas. Como quase tudo que é novidade as vezes amedronta, as mulheres se afastaram dela temendo perder seus maridos e recomendavam que as filhas fizessem o mesmo. Tudo em nome da preservação da família e do casamento, que mesmo “sem sal” era preferível a essa liberdade que todos consideravam uma traição.

Quando seu marido anunciou a decisão de partir, ela disse que poderiam viver todos juntos, mas ele estava decidido, encontraria outra mulher, já conseguia visualizar uma família composta por ele, seus filhos e uma mulher sem rosto. Os três filhos mais velhos desaprovam a escolha da mãe e optam por ir embora com o pai, os meninos pequenos ficaram com ela, ainda não têm discernimento para entender o que aconteceu. Escolina chora, diz ao marido que nunca deixará de amá-lo e passam a última noite juntos. Neste trecho o autor explora os sentimentos contraditórios de Escolina, ela se mostra arrasada pela partida dos filhos e do marido, mas opta por ficar ao lado de Colli, por quem se apaixonou. Ela é a mulher-sujeito, deixou de ser mulher-objeto, é um rompimento com uma tradição que não acontece sem sofrimento. Se tal fato acontecesse fora da Colônia, certamente o desfecho seria parecido, ou a mulher sofreria penas bem mais severas, pois os valores morais vigentes obrigariam a tais atitudes.

Percebe-se aqui a dificuldade das personagens em submeter-se aos princípios anarquistas. De acordo com os escritos de Michele Perrot, eles são:

unânicos em criticar a família de sua época, raros, porém, são os socialistas que pensam em sua total eliminação. Igualmente raros são os que pretendem uma subversão dos papéis sexuais, tão profunda é a crença numa desigualdade natural entre homens e mulheres. (PERROT 1991)

A valorização das características maternais e a condenação da mulher em seu papel como amante questiona não somente valores daquela época, mas os que permaneceram e norteiam a sociedade atualmente.

5.6 ADELE

Sanches Neto criou Adele a partir de sua correspondente real, foi moldando no decorrer da trama seu perfil e criou um final para sua história. Ela é a personagem que tem mais destaque no romance, pois aceita a proposta do amor livre, vivendo com Rossi, Aníbal e Gèleac, um caso em que compartilha com eles o seu corpo e sentimentos. Adele representa no romance a adesão das mulheres às propostas das pessoas as quais elas amam, o cuidado de enfermeira, não apenas de corpos, mas também dos sentimentos, das carências. Ela se sujeita à experiência do amor livre por ter se apaixonado por Rossi, por ter visto em seus olhos a paixão

pelos ideais anarquistas, mais uma vez o amor em primeiro plano, pois no fundo os princípios do anarquismo são de abnegação em nome de um amor coletivo e de cuidado com as pessoas, protegendo-as da exploração de patrões, religiosos e governos tiranos. Adele apresenta os mesmos traços aos quais podem ser aplicados os conceitos usados com a personagem Cattina, contudo, sem o mesmo sentido.

Pode-se encaixá-la no conceito de mulher-sujeito, pois quer insubordinar-se aos paradigmas, decidindo aderir ao amor livre, impõe a sua vontade ao marido. Ela é subversiva, inconformada com as contrariedades. Enquanto pode, domina a situação. E é mulher-objeto ao aceitar participar dessa experiência, que a princípio não envolveria amor, mas métodos científicos. Em relação ao conceito de binômio de Beauvoir (1980), também se tem a junção, pois, ela desempenha os dois papéis, mesmo afirmando que agiu por amor a um único homem, Rossi.

Ela é uma mulher vivida, passou por experiências que deixaram marcas, desse modo tornou-se uma junção de mulher-sujeito e mulher-objeto. Decidida e submissa, desempenha o papel de cuidadora, mas também o de dona de seu corpo, ao desafiar os valores morais arraigados até mesmo nos que se dizem anarquistas.

Ela conhecera Rossi na Itália, achou que havia verdade nos olhos dele, que brilhavam ao falar do anarquismo e com verdadeira paixão da experiência da colônia Cecília na América.

Vendo o médico veterinário, Giovanni Rossi divulgar a Colônia, a necessidade de mulheres; também percebera que não era só ideologicamente que ele defendia o amor livre, a mulher que não fosse escrava dos caprichos de seu homem ou de seu pai, havia uma necessidade pessoal, descobrira isso na maneira emocionada do anarquista falar (SANCHES NETO, 2005, p.177).

Adele embarcou na Itália com destino ao Brasil na companhia de Aníbal e mais alguns companheiros, entre eles alguns sapateiros, que seriam muito úteis na nova terra. “Adele Serventi disse que estava decidida, iria à Palmeira mesmo sem o companheiro, isso animou os demais; se uma mulher, uma mulher franzina, sem profissão, sem dinheiro, queria enfrentar este finzinho de viagem, eles também podiam tentar” (SANCHES NETO, 2005, p.175).

Mas ao chegarem à Colônia ela se entristeceu, pois foram recepcionados por olhos frios e raivosos. Aos poucos, conquistou a confiança do narrador que simpatiza com ela e a descreve como sendo uma mulher instruída, corajosa, forte, que não usa o corpo como arma, mas para proteger, aquecer.

Adele conta ao marido sua intenção de aderir ao amor livre, aproximando-se, abraçando-o com carinho, ele sofria mais do que podia confessar, o socialista nele não poderia fazer críticas à experiência, uma vez que o seu trabalho era pouco, a maneira de contribuir seria compartilhar a mulher. (SANCHES NETO, 2005, p.187).

O narrador admira a sua coragem, pois ela;

[...] desferia as últimas marretadas nas ruínas deste edifício sórdido que é o casamento, e eu a admirava sobre as demais pessoas da Colônia. Desde sua mocidade, quando mantivera relações com o cunhado, vinha destruindo a família. (SANCHES NETO, 2005, p. 31)

A personagem pergunta ao narrador se ele a ama, pode-se inferir que ela busca por segurança sentimental, está cansada de perder, de desperdiçar o seu carinho com homens que talvez não a valorizaram o tanto quanto ela queria. A começar pelo cunhado, que não a assumiu e nem mesmo ela exigiu isso, preferiu viver o relacionamento na obscuridade para não magoar a irmã, pois esta encontrava-se gravemente doente. Adele vivera uma traição, demonstrando uma queda pela subversão dos valores moralmente aceitos.

Adele agora entrava no sonho de Rossi, seria sua mulher e faria o que ele pedisse; mesmo frustrada, pois queria ser amada por ele e não apenas parte de uma experiência. Ao mesmo tempo em que se propunha a praticar o amor livre, precisava cuidar do sofrimento de Aníbal, que, embora informalmente, era seu marido. Ele não a impediu, mas sentia-se inseguro e contraditoriamente a considerava como sua propriedade, os valores machistas do homem revestido de anarquista falavam mais alto.

Quando Adele passou a se encontrar também com Gelèac, o sofrimento de Aníbal ficou ainda maior, bebia cada vez mais, contrariando a abstinência alcoólica exigida pelos princípios anárquicos. A personagem fica grávida, e embora ainda não fosse visível, o marido sentia-se envergonhado, pois, ela continua se deitando com Rossi e Gelèac, e uma mulher grávida, de acordo com os valores da época não deveria agir assim, mesmo sendo anarquista. Então, a própria personagem Adele sofre uma mudança em seu comportamento, Gelèac foi embora, ela agora não receberia mais seus homens, agora tinha uma nova função, a de mãe, neste momento seu corpo pertencia à criança, não era dela, não podia compartilhar o que não possuía, seria um crime (SANCHES NETO, 2005, p. 227).

A gravidez fez com que ela se sentisse viscosa, suja como um bebê recém-nascido, Adele teve nojo dessa transformação. Agora ficara apenas com o Aníbal, mas não o deixaria tocá-la, ela não se sentia feliz e chorou.

Adele sai da Colônia acompanhando o marido, mesmo desaconselhada por Rossi. Este afirma que Aníbal nunca esqueceria a experiência vivida, a bebida venceria, apregoar o socialismo e a anarquia é diferente de vivê-los na prática. Pede que ela fique. “Os dois homens, animais doentes, e queriam que ela cuidasse deles, essa era sua sina, cuidar dos homens, ser enfermeira”. (SANCHES NETO, 2005, p. 232)

Depois que saíram da Colônia Cecília, já com duas filhas, Adele se reencontrou com Rossi, que agora era um respeitável professor de agronomia e veterinária. Ele a recebeu como esposa, assumiu e registrou suas filhas, e tiveram mais duas. Duas das meninas morreram e Adele pode ver que o sofrimento dele foi igual com a morte das meninas, uma da Colônia, outra de seu sangue, ele as amava como filhas, porque eram filhas de suas ideias, de seu sonho.

Ao final do romance, Adele está na Itália, para onde voltaram, já com oitenta anos, com o corpo vergando em direção a terra, está cansada. Estão visitando o túmulo de Rossi, numa data simbólica, considerada por ela como o dia de seu casamento, e conta para as filhas Ebe e Pierina suas reminiscências. Principalmente Ebe se sente incomodada com a história da mãe, ela é a filha de Gelèac, no entanto prefere não rememorar tais fatos, já sofrera demais com isso. Os poucos amigos que a conhecem logo estarão mortos, assim como ela, que será enterrada com aquele que considera seu pai. Adele também logo estaria voltando para o cemitério, para a terra e permaneceria para sempre ao lado de Rossi.

No romance de Miguel Sanches Neto, há inúmeras mulheres, optou-se por analisar as que tiveram destaque. Cada uma com uma personalidade, com uma história, representando diferentes papéis sociais, o de mãe, o de prostituta, o da beleza idealizada, o de amante. Mulheres como tantas outras em busca de reconhecimento e respeito, quando não pelo seu modo de agir, pela opção de vida que fizeram. Nos ideais utópicos do personagem/narrador Rossi, apenas duas delas foram consideradas próprias para a vivência do anarquismo ao aderir ao amor livre, Adele e Escolina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontraram-se no romance apresentado neste trabalho as representações da mãe e da prostituta, que analisadas segundo os conceitos de Simone de Beauvoir, são um binômio inseparável da representação social da mulher. De um lado, Mãe e esposa, família, sexo domesticado, moralidade, espaço privado. De outro, prostituta, mulher pública, liberação do vício e da devassidão latentes no feminino. De acordo com os padrões morais vigentes, e o que se conclui da análise das personagens, embasada em Beauvoir (1980) as mulheres só se realizam como seres no mundo em seu encontro com o masculino, seja dando-lhe uma descendência ou apaziguando seu desejo. A maternidade seria seu destino e sua transcendência, a prostituição a imanência na impureza de seu sexo (SWAIN apud BEAUVOIR, 2012, p. 1).

A representação dos papéis sociais pelas personagens segue padrões que refletem a sociedade não apenas do século XIX, mas de todos os âmbitos em que ainda prevalecem os valores patriarcais e religiosos fortemente arraigados. No caso do romance da Colônia Cecília, por motivos diversos, elas eram mal vistas pela sociedade da época, mesmo dentro da Colônia.

Na atualidade a despeito de avanços em variados setores, as mulheres ainda sofrem sanções no que diz respeito à liberdade de ir e vir, escolhas sexuais, modo de vestir, entre outras. Além de muitas sofrerem violência física, sexual e privações de toda ordem, principalmente aquelas que se encontram em situação de pobreza e sob o mando de autoridades sexistas. Embora haja legislação no sentido de garantir a igualdade de direito entre os sexos, os aspectos socioculturais em relação a gênero estão enraizados em nossa sociedade, desse modo se perpetuam as vantagens masculinas.

Portanto, observamos, por meio desta análise, as oscilações nos perfis femininos retratados, que revelam, sobretudo, uma indeterminação entre as facetas dos conceitos de binômio e o de mulher sujeito/ mulher-objeto, defendidas por teorias feministas. A sociedade da época presenciou acontecimentos que mudaram os parâmetros em vários setores na última metade do século XIX, carregando influências para o século que se anunciava. Além disso, percebemos que Miguel

Sanches Neto, na condição de autor, colocou em cena suas personagens femininas instituídas de caracteres contraditórios ao da figura feminina idealizada pela sociedade patriarcal vigente no contexto histórico dos acontecimentos que inspiraram seu romance. A Experiência da colônia Cecília, e todos os acontecimentos do final do século XIX, marcaram definitivamente o período como um divisor de águas entre uma época em que a mulher era subalterna ao sistema patriarcal, e de uma sociedade que está em profunda, irreversível e constante transformação em sua história política, econômica e social.

O romance de Miguel Sanches Neto apresenta um enfoque ficcional no comportamento feminino de uma Colônia experimental que existiu de fato. Tal romance é importante na atualidade para repensar-se a evolução das relações humanas, não apenas as que afetam as mulheres.

REFERÊNCIAS:

- ARAUJO, Francisca Socorro. **Feminismo** Disponível em: < <http://www.infoescola.com/sociologia/feminismo/> > Acesso em 24 de out 2015.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Editora Universidade de Brasília. 1ª ed. 1998.
- BONICCI, Thomas & ZOLIN, Lucia Osana. **Teoria Literária: Abordagens Histórias e Tendências Contemporâneas**. Maringá, EDUEM, 2004.
- FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. 2ª ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. Didática, 1995.
- FELICI, Isabelle. **A verdadeira história da colônia Cecília de Giovanni Rossi**. Cad. AEL, n. 8/9, 1998
- FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.
_____. *The great code: The Bible and Literature*. 1ª ed. Nova York: HBJ, 1982.
- GOLDMAN, Emma. **O indivíduo, a sociedade e o Estado**. In: COÊLHO, Plínio Augusto (org.). **O indivíduo, a sociedade e o Estado e outros ensaios**. São Paulo: Hedra, 2007.
- MARTINEZ, Diego A C. **Anarquismo no século XIX**. Disponível em: < <http://www.historia.uff.br>; > Acesso em: 20 de set. 2015.
- MARZANI, Andressa. NASCIMENTO, Naira de Almeida. **A forma clássica de romance histórico em Um amor anarquista**. Revista de Letras da UTFPR, 2013.
- MELLO, Xênia Carolina de. **O protagonismo da mulher e a comunidade anarquista na obra “Um amor anarquista”** monografia de especialização Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional. Ufpr, Curitiba, 2012.
- MINARDI, M. Inês. **Trajetória de luta: mulheres imigrantes italianas anarquistas**. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 2008.
Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Ines%20M.%20Minardi.pdf>>, acesso em 20 mai.2015.
- PERROT, Michelle. (org.). **História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. V. 4. Cia. das Letras: São Paulo, 1991, p. 100.

SANCHES Neto, Miguel. Pertencer ao Passado. Revista **Leitura**. Vol. I, nº 49, 2012. P. 249-261. Disponível em:
<<http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/953/627>> Acesso em: 25 mai. 2015.

ROSSI, Giovanni. **Colônia Cecília e outras utopias**. (Tradução de Miguel Sanches Neto e Marzia Terezi Vicentini) Imprensa Oficial do Paraná, Paraná, 2000.

SOUZA, Aida Kuri. **A personagem feminina na literatura brasileira**. Monografia apresentada à Diretoria de Pós Graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma, 2005.

SWAIN, Tania Navarro. **Figuras de mulher em Simone de Beauvoir: A mãe, a prostituta, a lésbica**. 2011. Disponível em < <http://feminismo.org.br/figuras-de-mulher-em-simone-de-beauvoir-a-mae-a-prostituta-a-lesbica/> > Acesso em 28 de out 2015.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A vindication of rights of women**. In: ABRAMS, M.H. **Norton Anthology of English Literature**, v.2. New York: Norton, 1979.

WHITMONT, Edward C. **Retorno da Deusa**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1991.